

Abner Sigemi • Andressa Lawisch • Emanuel Monteiro • Gelson Radaelli • Karim Lambecht • Isabelle Baiocco • Letícia Lopes • Leonardo Lopes • Lou Borghetti • Lourenço Demarco • Luciano Zanette

16 de julho a 6 de setembro de 2026
Galeria Sotero Cosme, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MACRS

Limiares restantes

A produção poética reunida desses onze artistas presentifica um conjunto heterogêneo de práticas que antes de mais nada superam enquadramentos temáticos, estilísticos e procedimentais, para abrir aos visitantes, não apenas a processos híbridos, mas a compreensão de um fazer nas imagens que supera ações puristas ao proceder artisticamente. Na construção do conjunto, algumas obras de matriz pictórica se articulam a partir de registros de vídeos, outras, objetos tridimensionais, portam inclinações a temáticas pictóricas que se provêm no espaço como presença e como campo visual, por sua vez, elementos considerados não artísticos concorrem para o exercício do olhar em entradas como elementos físicos à obra ou como alusões ou remetências.

Aproximar-se com vagar se faz necessário, visto que, em diálogo, tais obras se dispõem como espécies de *limiares restantes*: se estabelecem em si mesmas como uma zona mais ou menos indefinida que ultrapassa seus limites materiais, seus contornos enquadramentos. Tais fronteiras parecerem emitir, mesmo que, de longe, uma certa suspensão, que propriamente não carrega para seu próprio *fim* como obras completas, mas sim, propriamente exasperam as instâncias pulsantes da *finalização*, em um estado progressivo em que o acontecimento possibilitado pela experiência estende seus efeitos dispersivos.

Da suspeita curiosa, passa-se para o interior da experiência estética, prolongando a própria obra em seu tempo e que, portanto, aquilo que se apresenta como *restos*, em ruínas e aos cacos, no limite de uma extinção, cadenciará nessa temporalidade a sua permanência. É isso o que frequentadores fazem com suas presenças reiteradas diante uma obra ao assombrar o próprio tempo ancorando ali

pontuações e ancoragens que os interliga inesgotavelmente, repelindo assim, em uma superação de binômios, a oposição entre construção e destruição, forma e desforma, artístico e não artístico.

Nesse progressivo ralentar do âmbito complexo da produção de imagens, o poder inarredável da repetição é o que provê reflexões poéticas sobre o que resta, afastando, deste modo, do fim sumário e abrindo para o recurso generoso dessa posição de *finalização*: está se acabando, mas que pronto se reinicia, e nesta repetição, vai-se acabando em um reinício. A *finalização* suspende o *fim* e engaja um novo início, a tal ponto que materiais provenientes de contextos de fim, como carvão, rejeitos e entulho, madeira abandonada, registros de vídeo antigos, apesar de portarem em si uma presença proveniente de um resto, não produz fins, mas finalizações: assim, o carvão, resto vegetal carburado, se reinforma finalizador no desenho onde os objetos então abandonados se fantasmagoriam na semelhança de sua imagem.

As imagens ali reunidas se apresentam como que abertas através de um processo de escavação poética, na qual planos não lhe estruturam – qualquer elemento que falta é propriamente o que alicerça a obra. Tais planos se entrecruzam acumulando a provisoriedade como produto que é dado à vista como puro fazer poético. Veem-se também nesse horizonte visual de experimentação, nesse *limiar restante*, que essa materialização é proveniente de encaixotamentos de elementos desmaterializados. Uma pergunta cuja formulada nos é desconhecida se impõe e assim, inunda o campo de irradiação da obra, que, por sua vez, mais do que subjuga o espaço de visualidade, faz revelar a questão por debaixo das camadas aguadas cuja escrita espinhosa na parede do desenho então carcomida a tudo desnuda.

O fazer gera verdadeiras produções que tornam nítidas inerências borradas: apenas a pontualidade do ato reflexivo traz a memória e a lembrança à tona, como também joga com o próprio rememorar que borra e embaralha cada fragmento mnemônico. Deste modo, produz-se o entulho a partir de um amontoado de manchas, que jaz em si mesmas puros objetos sob formas desmanchadas. Em algumas dessas imagens, são instauradas a partir de fragmentos, relíquias e resquícios planos de voos que percorrem com procedimentos a intimidade do *entrelugar* no qual as coisas em fluxo se situam.

E nessa zona de transição, parecem a todo momento devolver aos frequentadores uma consideração sobre sua própria humanidade. Em muitas das obras, a presença do humano se dá através de sua espectralidade, em que seus gestos e rastros, abandonos e desusos aventam um resultado sempre acumulativo do restar – *permanecer*, mas também *dar-se faltante*, contrariando a ideia de obra finalizada, quando na verdade o que humano seria somente capaz fosse o de produzir gestos parciais, provisórios, intermitentes, como tudo que flui no tempo.

Esse conjunto parece conjugar práticas questionadoras sobre os *fins* do mundo, sobre os *fins* das histórias dos homens e da natureza. Repercute sobre o papel do fazedor de arte que passa a desempenhar suas funções a partir de sua humanidade vagante e que, portanto, não apenas experiencia os fenômenos, mas principalmente se endereça aos frequentadores, somente a partir de uma ação que de acompanhada das situações, que as testemunha por meio de seu interesse. Desta maneira o artista trabalha não *a respeito*, mas *com* o próprio fantasma que produz *restantes* tão parcialmente completos quando soberanamente presentes.

Os artistas que montam imagens pictóricas, gráficas, tridimensionais ou espaciais, inscrevem, grafam e mancham ali relatos de formas e situações que se relapsam, que falham e que desabam. Situações essas de pura destinação: seus remetentes não existem, apenas seus destinatários – os visitantes que buscam apreciar certas *finalizações* restantes. Finalmente, a experiência diante do resto é tal qual um objeto que lhes é, há muito, destinado e que finalmente lhes foi entregue com o código de rastreamento borrado. Um pacote avariado cujo interior vazio está cheio de uma falta “que não tem pressa”, após ter esperado “em silêncio/ Num fundo de armário/ Na posta-restante/ Milênios e milênios/ no ar”, como Chico Buarque cantarola em um restinho de voz.

Fercho Marquéz-Elul
Doutor em Artes Visuais – Poéticas Visuais (PPGAV-UFRGS)